

Os espelhos de Lacan

Musso Greco

É falso dizer: "Eu penso". Devíamos dizer: "Pensam-me". Perdão pelo jogo de palavras. Eu é um outro. Tanto pior para o lenho que se descobre violino, e provoca os inconscientes, que chicanam contra aquilo que ignoram por inteiro!
Arthur Rimbaud, Carta a Georges Izambard

A experiência do espelho tem um caráter primordial na teoria psicanalítica, se a entendermos, mais do que como uma fase bem delimitada do desenvolvimento da criança, como um modelo que atravessa toda a vida do sujeito, representando a relação libidinal essencial com a imagem corporal, e ilustrando o aspecto de conflito presente na relação dual. Trata-se mais de espelho que de estádio, ou seja, mais de relação (consigo e com o outro) do que de história, mais de percepção da alteridade do que de uma propriocepção.

A problemática do eu e do corpo está presente na obra de Lacan desde os primeiros momentos de sua trajetória pela psicanálise, sofrendo reformulações correlativas às retificações que ele introduz, articulando-a, além do Imaginário, também ao Simbólico e ao Real. Entretanto, na esteira de Freud, o corpo ao qual ele se refere não é o corpo biológico, mas o corpo virtual (corpo-imagem), marcado pelo significante (corpo-fala) e habitado pela libido (corpo-gozo), que demanda um olhar distinto daquele da medicina.

1. O Estádio do Espelho

Pelo lado da imagem encontramos, evidentemente, o olho, nosso primeiro aparelho de coordenação do espaço, que começa a percebê-lo, registrá-lo e organizá-lo

"antecipadamente", ou seja, desde muito antes que o organismo possa mobilizar-se e deslocar-se fisicamente nesse campo, já que a organização do olhar precede o gesto e a palavra. Como tal, é também nosso primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato com o chamado mundo exterior. Esse aparelho registra em sua história um momento fundamental: o *Estádio do Espelho*.

Partindo do trabalho de conexão entre o *corpo* e o *Simbólico* (biologia e sociologia) de Henri Wallon¹ - "Prova do espelho e a noção do corpo próprio", de 1931 -, e dos estudos sobre etologia, Jacques Lacan teorizou o momento da constituição do *eu* mediante a identificação com a imagem do outro, no que chamou de Estádio do Espelho. Lacan atribuiu à imagem papel fundador na constituição do *eu* e na matriz simbólica do sujeito, definindo a identificação, nessa perspectiva, como "a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem"².

Inicialmente, o trabalho de Lacan sobre o Estádio do Espelho seria apresentado no Congresso de Marienbad, em 1936, por ocasião do simpósio sobre os resultados terapêuticos da psicanálise. Havia um confronto terrível entre todas as posições - annafreudianos em franco ataque contra kleinianos, Edward Glover dissociando-se publicamente das teses de Melanie, apoiado por Melitta³ -, e foi nesse clima que Lacan tomou a palavra, no dia três de agosto às três e quarenta da tarde, na segunda sessão científica do congresso, sendo interrompido dez minutos mais tarde por Ernest Jones, no meio da frase. Isso lhe provocou tal furor e humilhação - ampliados ainda pelo fato de Freud não ter lhe dado o retorno esperado, quando lhe enviou sua tese de Doutorado - que, dez anos depois, nas jornadas psiquiátricas de Bonneval, não deixou de registrar sua cólera contra o "traço desagradável de caráter" de Jones⁴.

De algum modo, o próprio Lacan parecia estar buscando um "espelho", sob a forma de um reconhecimento pela brilhante comunidade psicanalítica que se encontrava em Marienbad, que tanto afirmasse o vanguardismo desse jovem psicanalista da segunda geração de freudianos, quanto o vinculasse ao projeto de uma "revolução freudiana"⁵, ou seja, a uma reelaboração do ensino freudiano simétrica à efetuada pelo próprio Freud em 1920, com seu "Para além do princípio do prazer".

Se, para Lacan, a estruturação do eu não corresponde a uma função de adaptação à realidade, é porque a identificação mental é uma forma constitutiva do conhecimento. Advém daí sua ideia de chamar de *postos imaginários da personalidade* às três instâncias da segunda tópica freudiana - eu/isso/supereu -, para depois extrair delas uma quarta, o *Eu (je)*⁶, ao qual atribui a função de ser o lugar em que o sujeito pode se reconhecer. O infeliz encontro de Marienbad ao menos trouxe a Lacan um saldo teórico positivo: essa primeiríssima formulação lacaniana de uma teoria do Imaginário, bem como as bases de uma teoria do sujeito⁷. A grande resposta que a teoria lacaniana da constituição imaginária do eu fornece a seus pares da época é a de que a função do Estádio do Espelho revela-se como estabelecimento de uma relação do organismo (*Innenwelt*) com sua realidade (*Umwelt*)⁸.

No texto posterior de Lacan⁹, *O Estádio do Espelho como formador da função do eu*, publicado treze anos depois de Marienbad, ele aponta que a apreensão do corpo é prematura em relação ao próprio domínio motor e fisiológico insuficientes da criança. Nesse primeiro momento de estruturação do sujeito a criança, com suas fantasias de corpo fragmentado - por conta de sua prematuridade neurofisiológica - se antecipa numa unidade a partir da imagem do outro, ou seja, da imagem do corpo próprio encontrada no espelho, na qual ela vai se alienar

virtualmente. Pela primeira vez, a visão do corpo inteiro no espelho desperta manifestações de júbilo na criança, que, imediatamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar do outro, a confirmação do que vê no espelho, que passa a ser admirado por ela como seu *eu ideal*. Jacques Lacan define assim o Estádio do Espelho¹⁰:

Basta compreender o Estádio do Espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem¹¹(...). A assunção jubilatória de sua imagem especular, por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem no estágio de infans, parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu [je] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito¹² (...).

(...) o Estádio do Espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental¹³.

É no Estádio do Espelho que Lacan inaugura a escrita da letra *a*, utilizada nesse momento para cifrar o eu e o objeto, esse último considerado como o semelhante. No espelho, o nascimento do eu se confunde com a constituição da imagem do corpo próprio, ao mesmo tempo em que a imagem no espelho é apreendida como objeto. Nessa relação inaugural com o Outro, o homem investe o objeto por meio de sua imagem especular, e essa miragem de totalidade lhe dá uma forma ortopédica ao corpo próprio, numa espécie de precipitado da forma do seu corpo que se adianta à sua prematuração biológica.

O Estádio do Espelho de Lacan é o precursor da dialética da alienação do sujeito no eu. O sujeito jamais

apreende a si mesmo, a não ser sob a forma do seu eu (*moi*), estritamente dependente do outro especular, que constitui sua identidade. Por essa razão, a relação que o sujeito mantém consigo mesmo e com os outros (seus objetos) permanece sempre mediada pelo eixo Imaginário. É na relação do sujeito consigo mesmo como um outro, na sua dimensão de alteridade, que se deve buscar o seu estatuto de sujeito social: "esse momento em que se conclui o Estádio do Espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...), a dialética que desde então liga o Eu (*je*) a situações socialmente elaboradas"¹⁴, de um modo em que o exterior não está lá fora, mas no interior do sujeito: o outro está nele.

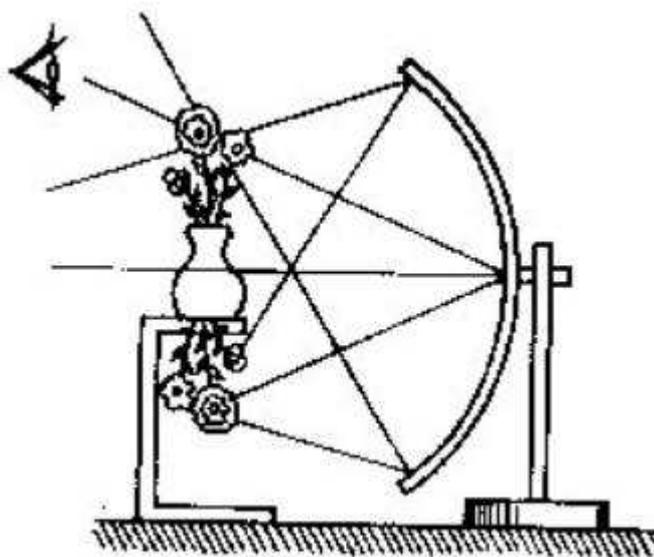
O Outro, na sua dimensão de alteridade inteiramente remetida ao Simbólico e à linguagem, surge aí para convocar o sujeito a se inserir em seus sistemas significantes, como forma de organizar uma representação do que a imagem lhe apresenta. Na definição de Lacan, o Outro funciona como um "escudo narcísico" que separa o sujeito - ser de imagens e símbolos - do real, para sempre, mas é também a estrutura que implanta nele "seu pequeno outro"¹⁵.

É exatamente por esse acesso ao Simbólico que se organiza uma recaída do sujeito no Imaginário, culminando no advento do eu (*moi*). O Eu (*je*) não pode existir sem o símbolo, ou seja, sem uma referência ao Outro, e reciprocamente, quer se trate de seu corpo, do seu desejo ou dos objetos do seu desejo. Um desenredo do eu (*moi*), sintoma irreduzível, e do símbolo poderia remeter à desagregação humana, como na psicose. A forma do eu (*moi*) é, portanto, uma miragem: sem ser constituída, paradoxalmente é constituinte. Constituinte e alienante - tomando, como Lacan, *alius* em sua acepção primária de *outro* -, na medida em que se a relação do sujeito com seu eu (*moi*) está, necessária e especularmente, na dependência do

outro, e vice-versa - o que o mantém no campo da linguagem -, por isso mesmo, essa alienação subjetiva o introduz numa ficção que o torna prisioneiro, em termos de comunicação. Acreditando falar a um Outro verdadeiro, o sujeito fala, reflexivamente, a seu próprio eu (*moi*), num eixo imaginário *ego/alter-ego*, porque ele não conhece o Outro como tal - e nem poderia pois, como afirma Lacan, "é essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que é falada ao outro"¹⁶.

O espelho é, portanto, o ponto de partida da subjetividade humana¹⁷, já que a imagem do corpo próprio é uma espécie de "matriz simbólica" do sujeito, proto-símbolo de sua presença no mundo. Nesse *instante de ver*, a presença do Outro vem marcar indelevelmente o sujeito pelo significante, descorporificando o eu - ou eu (*moi*) -, que entra no discurso como forma de dar substância ao sujeito - ou Eu (*je*).

2. O Esquema Óptico



Esquema óptico de Bouasse

A partir de 1953, Lacan utiliza um elaborado diagrama, referido ao experimento do físico Henri Bouasse¹⁸, como segundo momento da formulação do Estádio do Espelho, pela introdução do Simbólico, acrescentando um espelho plano e

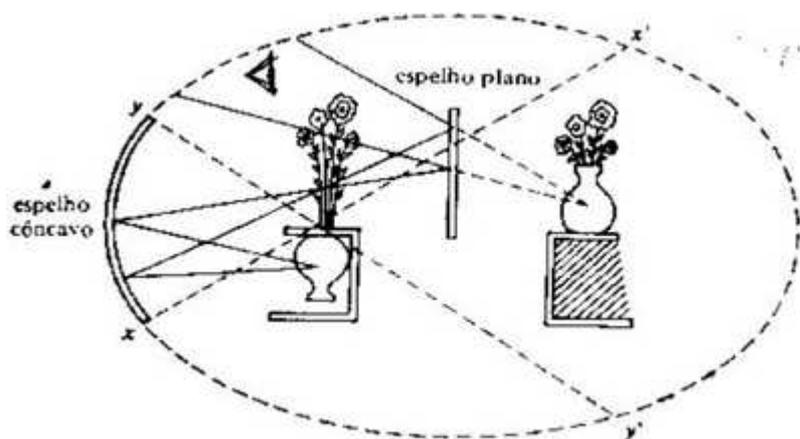
mudando o lugar do observador. Através da combinação de espelhos planos e curvos, um sujeito imaginado é levado a ver dois objetos distintos, uma jarra e um ramo de flores, como se este estivesse contido naquela. Afirmando que, até aquele momento, não se tinha ainda tirado o partido que se poderia da óptica, que lhe parece uma "ciência engraçada que se esforça para produzir com aparelhos a coisa singular que se chama *imagens*, à diferença das outras ciências, que introduzem na natureza um recorte, uma dissecação, uma anatomia"¹⁹, Lacan toma desse campo da física uma tese fundamental: a de que a todo ponto dado no espaço real, corresponda um - e só um - ponto em um outro espaço, imaginário.

As flores representam os objetos que vão ser contidos pelo vaso, que representa o corpo com seus orifícios. O vaso que se encontra escondido dentro da caixa é inacessível ao sujeito, e representa o corpo como organismo biológico perdido para o sujeito. No esquema óptico de Bouasse, a imagem real não é uma imagem completa: o espelho côncavo refletirá sempre a imagem real, porém deformada e invertida - o que poderia ser uma ilustração do narcisismo primário. Com o acréscimo do espelho plano (esquema óptico de Lacan), obtém-se uma imagem unificada: o espelho plano reflete a imagem virtual e confere ao objeto uma *Gestalt*, uma imagem inteira, acabada ou ideal, desde que o sujeito esteja no ponto perfeito para encontrá-la. Ela corresponderia ao narcisismo secundário. Lacan dirá que "a imagem do corpo, se a situarmos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores real. Aí está como podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste"²⁰.

Esse pequeno truque feito com espelhos serve a Lacan para demonstrar o mecanismo que utilizamos para imaginar que possuímos algo como uma identidade coerente. No diagrama de Lacan, o espaço virtual por trás do espelho

plano é onde o sujeito imagina que o seu eu existe como unidade. Esse espaço virtual contém também o olho do sujeito, mostrando que na relação do Imaginário com o Real tudo depende da situação do sujeito, seu lugar no mundo simbólico. O corpo real é como o vaso refletido no espelho, inacessível ao olhar. O sujeito, determinado pela ordem simbólica, nunca terá mais que uma apreensão imaginária do corpo (por isso, no esquema, ele vê a imagem do espelho côncavo pela sua reflexão no espelho plano).

Então, uma síntese da leitura do esquema óptico poderia ser: o sujeito se mira no ideal de eu (espelho plano), de modo que esse espelho faz função do outro como lugar simbólico. É através dessa tela do espelho plano que o eu pode se reconhecer na imagem do outro, pode se projetar (sua imagem) numa relação que pode ser lida como projeção de um eu ideal. "Simbólico sustentando o Imaginário, eu ideal projetado na tela do ideal do eu"²¹.

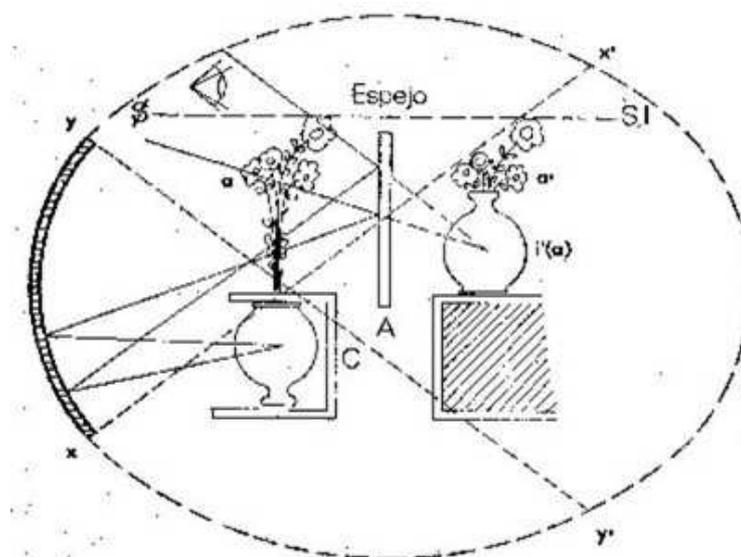


Esquema óptico de Lacan (1954)

Como especifica Lacan:

Para que a ilusão se produza, para que se constitua, diante do olho que olha, um mundo em que o Imaginário pode incluir o Real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o Real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o Imaginário, é preciso que uma condição seja realizada - (...) o olho deve estar (...) no interior do cone²².

No texto "Observações sobre o informe de Daniel Lagache", publicado em 1961, Lacan²³, sem modificar a montagem do experimento, o apresenta como "esquema das relações entre o eu ideal e o ideal do eu". O que é diferente em relação ao esquema de 1954 é a nomeação dos lugares. O sujeito não está designado pela letra S como antes, mas por $\$$. O espelho plano designado com a letra A refere-se ao Outro. O vaso tem a letra C, por ela ser a primeira letra de "corpo". As flores se designam como a. A imagem virtual é designada como $i'(a)$, e o que se lê como "eu ideal" $i(a)$, a imagem real com a qual o Eu se identifica, não está no esquema: o Outro é o meio pelo qual o sujeito encontra sua própria imagem, mas é também o que o separa da imagem. A relação do sujeito com o ideal do eu aparece na linha $\$ \dots\dots S, I$. É ela que cria a ilusão de um sujeito completo. Para que o sujeito $\$$ veja a imagem no espelho A, bastará que sua própria imagem venha no espaço real situar-se no espaço que delimita a possibilidade da ilusão (campo $x'y'$).



Esquema óptico de Lacan (1961)

No seminário 10: a *angústia*²⁴, o esquema óptico será questionado, e no lugar das flores surgirá um x . O corpo como objeto não se inscreverá como imagem, mas como um furo

marcado pela escritura de $-\phi$ (menos fi), sempre entre parênteses, tanto no campo do sujeito quanto no campo do Outro, como algo que não se projeta na imagem especular. Apesar da simplificação do esquema, e mesmo de uma displicência com certos elementos, nota-se, nessa versão minimalista, que Lacan quis indicar que I está para além dos limites do espelho, pois o próprio Outro não dispõe claramente do Ideal que pronuncia, já que este se orienta por uma falta (que é a castração). A idéia de "especular" é colocada neste Seminário não apenas como uma imagem na qual o sujeito se vê, mas principalmente como algo que é constituído fora dele, no campo do Outro. O que está aqui é correspondente ao que está lá.

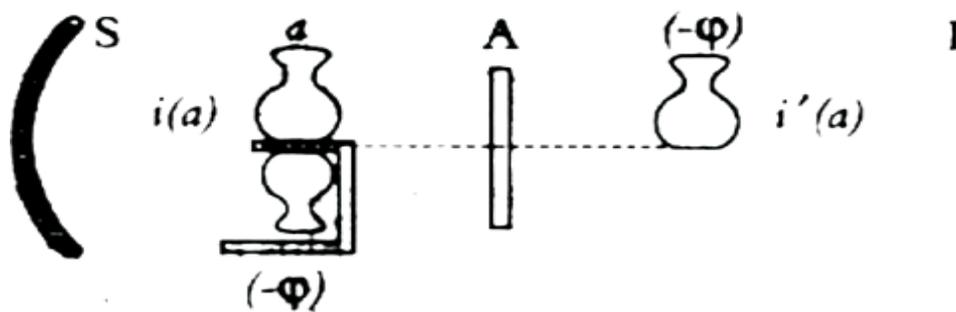
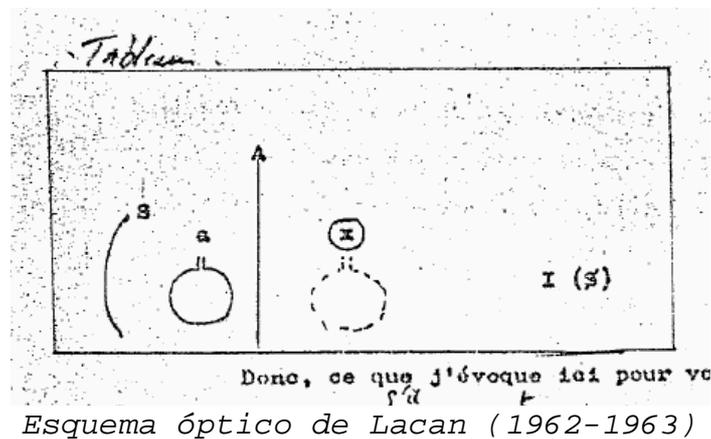


Figura 1: Lacan, 1962/2004. p. 50.

Esquema óptico de Lacan (1962-1963)

Neste momento, Lacan está elaborando seu conceito de objeto *a*, tratando-se aqui do objeto olhar, que fura exatamente a consistência da imagem. No esquema simplificado acima, em *i(a)* temos a imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado. O falo aparece a menos, como uma lacuna. Está presente como externo, promovendo uma falta na imagem do corpo.

Sobre a imagem real dada pelo espelho côncavo - imagem primeira, narcísica - Lacan localiza o *a*, que simboliza as pulsões. Antes da imagem real, o que se tem é um corpo fragmentado. O continente pulsional pode relacionar-se com a imagem do corpo próprio, *i'(a)* por meio do espelho plano (que representa o Outro, *A*). Há um movimento de oscilação, uma reversibilidade da libido do corpo próprio para o objeto. A angústia, quando surge, é sinal da presença do objeto *a*. Se *i'(a)* é uma imagem refletida de nós mesmos, autenticada pelo Outro, ela não deixa de ser falaciosa, pois está ausente. Sua ausência, inclusive, é condição para que uma presença se dê em outro lugar, no lugar do - ϕ .

Nesse lugar, em - ϕ , pode vir a se dar a angústia de castração, que acontece quando aparece nesse enquadramento o que já estava ali, mas que deveria estar velado, invisível. O problema está na entrada do significante no Real, pois nosso corpo não nos é dado de maneira simples no espelho. Quando, diante do espelho nos deparamos com nossa imagem, pode haver um momento em ela se modifique, como aponta Lacan, sobretudo quando há um momento em que "o olhar que aparece no espelho começa a não mais olhar para nós mesmos"²⁵.

Essa transformação do objeto, de reconhecível e intercambiável, para um objeto privado e incomunicável que pode dominar dismorficamente o sujeito em suas fantasias, é o que marca o que Lacan chamou de "*initium, aura, aurora*"

de um sentimento de estranheza, que é a porta aberta para a angústia.

¹ Para maior contato com a teoria desse filósofo, neuro-psiquiatra e psicólogo, contemporâneo de Freud e Lacan, ver: Wallon, H. (1935). *Princípios de psicologia aplicada*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Wallon, H. (s.d.). *A evolução psicológica da criança*. Rio de Janeiro: Editora Andes.

² Lacan, J. (1998[1949]) "O estádio do espelho como formador da função do Eu". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 97.

³ Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁴ Lacan, J. (1998[1946]). "Formulações sobre a causalidade psíquica". In *Escritos. Op. cit.*, p. 186.

⁵ Roudinesco, E. (1994). *Op. cit.*, p. 129.

⁶ Mantivemos aqui e em alguns dos parágrafos seguinte, quando nos referimos estritamente a falas de Lacan ou a desdobramentos de suas explicações sobre o Estádio do Espelho, uma opção de tradução do texto original de Lacan, que segue uma tradição de alguns de seus comentadores, grafando o sujeito do inconsciente em sua posição simbólica como *Eu (je)*, enquanto o *eu (moi)* se refere ao pronome pessoal da primeira pessoa, ao eu como construção imaginária.

⁷ Roudinesco, E. (1994). *Op. cit.* A autora aponta que essa teoria do sujeito "se enxertava na obra de Freud a partir de uma leitura kojéviana de Hegel".

⁸ Termos utilizados em alemão por Lacan em seu texto sobre o Estádio do Espelho, a partir de Von Uexküll, biólogo alemão que revolucionou o estudo da Antropologia ao construir uma teoria do comportamento mostrando que o pertencimento de um animal (inclusive o homem) a um meio devia ser pensado como a interiorização desse meio no vivido de cada espécie.

⁹ Lacan, J. (1998[1949]). *Op. cit.*

¹⁰ Idem. *Ibidem*.

¹¹ Vale lembrar que, com relação ao surgimento do eu, Freud, em 1914, se refere à passagem do auto-erotismo ao narcisismo, situando nessa passagem a necessidade de "uma nova ação psíquica". Freud, S. (1976[1914]). "Sobre o narcisismo: uma introdução". In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 93. Para Lacan, essa ação é a própria antecipação imaginária de um corpo unificado (*Gestalt*), a identificação primordial do sujeito com a imagem.

¹² Lacan, J. (1998[1949]). *Op. cit.*, p. 97.

¹³ Idem. *Ibidem*, p. 100.

¹⁴ Lacan, J. (1998[1949]). *Op. cit.*, p. 101.

¹⁵ Idem. (1953[1951]). "Quelques réflexions sur l'Ego". Comunicação feita à Sociedade Internacional de Psicanálise em 3/5/51. Publicada no *Journal International de Psychanalyse* em 1953, (34), pp. 11-17. *Apud* Ogilvie, B. (1988). *Lacan - a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 121.

¹⁶ Lacan, J. (1988[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 49.

¹⁷ Um momento lógico na estruturação do sujeito, e não simplesmente um momento do desenvolvimento.

¹⁸ Bouasse, H. (1947). *L'Optique et photométrie dites géométriques*. Paris: Delagrave, p. 87.

¹⁹ Lacan, J. (1986[1953-1954]). *O seminário, livro 1: ss escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 92.

²⁰ Idem. (1986[1953-1954]). *Op. cit.*, p. 96.

²¹ Wheatley, L.M.F.R. (2006). "O corpo: escuta sensível na clínica psicanalítica". Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

²² Lacan, J. (1986[1953-1954]). *Op. cit.*, p. 97.

²³ Lacan, J. (1998[1961]). "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade". In *Escritos. Op. cit.*, pp. 653-669.

²⁴ Idem. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

²⁵ Idem. (2005[1962-1963]). *Op. cit.*, p. 100.